"O FILME LEMBRA O CINEMA AMERICANO DOS BONS TEMPOS" (MAURICIO RITTNER)

Selvagem, 1966) e de um livro ("Compreensão do Cinema", 1965, recentemente traduzido para o espanhol, na Argentina), vem de encontro a certos temas que êle pretendia filmar e que, com a colaboração de Kuperman (agora também cineasta), chegou à tela em vez dos três roteiros prontos e de produção difícil que o autor guarda na gaveta. Os dois personagens vivem uma espécie de transfusão de angústia e inveja mútua. O "eu" do romance ganhou um nome — Nando (Miguel di Pietro) — e uma profissão — representante farmacêutico —, enquanto o "Louco" (Flávio Portho) é mantido como estudante de arte. Num programa de fim de semana, o "Louco" arruma duas estudantes, bonitas e finas (Adriana Pietro e Inês Knaut), e vão para uma casa de praia, onde tentam "cortar as amarras da civilização". Criam um jôgo em que os participantes perdem o nome e se transformam em números, podendo então inventar seu passado à vontade. Dorianne (Adriana Prieto), uma das môças, é virgem e tem um romance com Nando. Na volta a São Paulo, acaba casando-se com o "Louco".

"É um filme de contrastes", diz Maurício Rittner. "A narrativa é linear, entrecortada de alguns *flashes* curtos, os planos são rápidos, as seqüências na praia mais repousantes que as da cidade". Quando Nando conhece Doriane, há um *flash* ligeiro mostrando-o na cama com sua mulher, vulgar e sensual (Júlia Miranda), e é como se êle estivesse fazendo uma comparação entre as duas. Numa outra cena, em que Nando tenta ser atendido fora do expediente de um consultório médico, e é barrado pela enfermeira, aparece outro *flash* (que só vai acontecer muito mais tarde) — êle tentando invadir a casa de Doriane. A narrativa se conclui com uma cena da peça "Cemitério de Automóveis" (aquela em que a avó dá conselhos sôbre a vida conjugal da menina fantasiada de bôlo), onde o texto de Arrabal reafirma todos os valôres tradicionais do mundo, e especialmente da família.

"Êles não conseguiram mudar o mundo", salienta MR, "mas saem com a consciência de que lutaram com as armas inadequadas. O filme seria a dramatização de uma atitude conformista, sendo ao mesmo tempo — e principalmente — uma crítica a êsse conformismo". *Uma Mulher Para Sábado*, na opinião do diretor, "é essencialmente sensorial, porque se baseia nas sensações dos personagens. Desde a adaptação, pretendi contar uma história com a máxima clareza sem deixar nada ao acaso e principalmente fixando um comportamento da juventude do ponto de vista dela mesma, de dentro para fora. É um filme sem pretensões, não apenas de idéias mas também de entretenimento".

Fotografado a côres por George Pfister, montado por Máximo Barro e musicado por Rogério Duprat, *Uma Mulher Para Sábado* lembra ligeiramente ao seu autor *Copacabana me Engana*, de Antônio Carlos Fontoura — pelo seu ambiente urbano — e *Lance Maior*, de Silvio Back, pelo seu tema de ascensão social. Afora isso, um método de trabalho assim resumido por MR: "Os fatos se definem depressa, o filme caminha a passos firmes a partir de um roteiro muito bem estruturado. Em suma, algo como um filme americano dos bons tempos" (GM).

MAPA DA PRODUÇÃO

OTELO NO BARATO DOS MILHÕES

Grande Otelo, Dina Sfat, Ivã Cândido, Tânia Caldas, Vera Pitanga, Milton Moraes, Eliane Lopes e o modêlo Nixon formam o elenco de *Barão Otelo no Barato dos Milhões*, comédia fantástica envolvendo loteria esportiva com tropicalismo. Trata-se do quinto longa-metragem do inteligente e ainda incompreendido autor de *Canalha em Crise* e *As Escandalosas*: Miguel Borges. Foi filmado em côres por Leonardo Bartucci, com roteiro do próprio Miguel Borges. A produção é de Luís Carlos Barreto, Saga Filmes e de MB.

FERNANDO AMARAL NO SUL

Nas turísticas paisagens dos pampas gaúchos, Fernando Amaral *(A Penúltima Donzela)* realizou *As Aventuras do Capitão Gaudêncio* (título provisório), com a dupla Paulo José & Dina Sfat, José Lewgoy e intérpretes locais. Além de dirigir, Fernando Amaral acumula as funções de roteirista e fotógrafo. Lançamento previsto para o segundo semestre, em Pôrto Alegre. Produção: Gemini Produções Cinematográficas, emprêsa de Derly Martinez, responsável pelo surto de cinema comercial no Rio Grande do Sul (Cf. *Pára Pedro, Não Aperta Aparício*).

LEON FILMA GRACILIANO

Após quatro anos de inatividade, Leon Hirszman *(A Falecida, Garôta de Ipanema)* volta a filmar: em Alagoas êle termina *São Bernardo*, adaptação da obra homônima de Graciliano Ramos. Antes desta experiência *a priori* de alta importância, Leon fêz dois curtas: *Ligou, ligado* (episódio do longa-metragem inédito *América do Sexo*) e *Nélson Cavaquinho*. Seus intérpretes em *São Bernardo*: Othon Bastos, Fernanda Montenegro, Isabel Ribeiro, Joel Barcelos, Fernando Tôrres, Paulo Gracindo e Vanda Lacerda.

SONINHA TÔDA PURA

A partir de uma peça de José Iclemar Nunes, Aurélio

ROSSANA GHESSA INTERPRETA ANA TERRA NO FILME HOMÔNIMO DE DURVAL GOMES GARCIA

Teixeira filmou em Cabo Frio *Soninha Tôda Pura*, drama mostrando quatro pessoas isoladas numa ilha por uma tempestade. Dois bons atôres jovens estão no *cast*: Carlo Mossy e Adriana Prieto. Zélia Hoffmann e Elza de Castro completam o quarteto. Fotografia (em côres) de Hélio Silva e produção de Jarbas Barbosa.

BIGODE E MÃOS VAZIAS

Assistente de Nélson Pereira dos Santos em vários filmes *(Fome de Amor, Como Era Bom Meu Francês)* e realizador de dois curtas *(O Enfeitiçado* e *Ângelo Agostini, Sua Pena, Sua Espada)*, Luiz Carlos Lacerda de Freitas (Bigode) partiu agora para o filme longo: *Mãos Vazias*, extraído de um romance de Lúcio Cardoso, concretiza êste projeto do jovem diretor. Inteiramente rodado em Parati, o filme tem fotografia em côres de Rogério Noel e sonografia de Nélson Pereira dos Santos Filho. No superelenco que utilizou, graças aos momentos de disponibilidade dos atôres nas filmagens de *Um Asilo Muito Louco*, figuram: Leila Diniz, Ana Maria Magalhães, Arduíno Colasanti, José Kleber, Irene Stefânia, Nildo Parente e Hélio Fernando.

TÔ NA TUA, Ô BICHO

Uma família inteira joga na loteria esportiva e o caçula acerta, ajudado por um cão inteligente chamado Pigmalião. Êste é o ponto de partida de *Tô na Tua, Ô Bicho*, comédia produzida por Cyl Farney e dirigida por Raul Araújo. No elenco, Costinha, Agildo Ribeiro, Nair Belo, Pedro Celestino, Vera Jimenez, Tavinho e o cachorro Rex.

O TEMPO E O VENTO NO CINEMA

Durval Gomes Garcia, ex-presidente do INC, virou diretor de cinema: no Rio Grande do Sul, sua terra natal, está filmando *Ana Terra*, extraído do romance "O Tempo e o Vento", de Érico Veríssimo, com Rossana Ghessa no papel título. Pereira Dias, Geraldo D'El Rey, Naide Ribas são os protagonistas masculinos.

MAIS UM LÚCIO CARDOSO

Em Cinemascope e Eastmancolor, Paulo César Saraceni dirigiu *Crônica da Casa Assassinada*, adaptação do romance de Lúcio Cardoso e que figurava há anos entre os projetos mais caros ao realizador de *Capitu*. O filme foi feito em Valença, cidade do Estado do Rio, onde o escritor escreveu o livro, considerado sua obra-prima. Para concretizar seu filme-obsessão, Saraceni contou com a colaboração de Mário Carneiro na fotografia e Norma Benguel, Rubens Araújo, Cachoro (ator argentino), Maria Teresa Medina, Nélson Dantas, Carlos Kruber, Leila Krespi e Antônio Guerreiro no elenco.

CAPITÃO BANDEIRA

Bahia, São Paulo e Guanabara foram os cenários escolhidos por Antônio Calmon (diretor premiado no I Festival de Cinema Amador — JB) para sua estréia na longa-metragem: *Capitão Bandeira Contra o Doutor Moura Brasil*, comédia sofisticada em Cinemascope e Eastmancolor. Cláudio Marzo é o Capitão Bandeira, um boa-vida que cansado de freqüentar os lugares de vida noturna do Rio, resolve morar na Bahia, levando uma existência modesta na humilde vila dos pescadores de Arembepe. Dina Sfat, Hugo Carvana, Paulo César Pereio, Norma Benguel, Maria Gladys, Susana Moraes, John Herbert, Sônia Braga, Pingo, Roberto Maia e Otávio Augusto são os outros do elenco.

LEINA KRESPI E NORMA BENGUEL EM A CASA ASSASSINADA

MORREU WALTER DA SILVEIRA

Pioneiro do cinema baiano, veterano da crítica, escritor, cineclubista, jurista, Wálter da Silveira deixou com sua morte, em cinco de novembro do ano passado, uma grande lacuna no mundo cinematográfico brasileiro. Muito respeitado nos meios intelectuais do Nordeste, membro da Academia Baiana de Letras e figura admirada nos círculos universitários de Salvador, êle foi, certamente, uma das mais produtivas personalidades da Bahia, nos últimos tempos.

Quando tomou posse na Academia Baiana de Letras, em 1966, declarou ser "um rebelde, embora mais sereno e mais humilde do que na juventude e, por isto mesmo, mais próximo das gerações que virão do que das que se foram". Esta confissão retrata claramente o espírito dinâmico e inconformista de Wálter da Silveira.

Tôda a sua obra — ensaios, poesias, conferências — está marcada por um profundo sentimento humanista e uma irrestrita confiança nas novas gerações, em busca de um mundo onde o homem se afirme, em definitivo, como o valor supremo. Embora fôsse um hábil advogado e um escritor inteligente, se considerava antes de tudo um crítico cinematográfico:

"Sou apenas literàriamente, e nada mais quero ser do que um homem de cinema, um crítico de arte cinematográfica, um prosador menor, portanto, a ensaiar sua transitoriedade na mais transitória de tôdas as suas expressões artísticas, segundo o preconceito geral."

Formado em Direito, foi Juiz até 1945, abandonando a magistratura para dedicar-